

# Medidas preocupam assessores de candidatos

## Risco de dívida pública explodir no próximo governo é maior temor

BRASÍLIA – O atual governo deixará como herança para o futuro ocupante do Palácio do Planalto a responsabilidade de garantir uma economia equivalente a 3,75% do Produto Interno Bruto (PIB), o equivalente a R\$ 48,7 bilhões. Não é pouco. Representa mais do que o Orçamento previsto para os gastos na área social no ano passado (R\$ 42,3 bilhões).

Os assessores econômicos dos candidatos à Presidência Ciro Gomes (PPS) e Anthony Garotinho (PSB) concordam com o governo sobre a importância do superávit primário, mas acham que o governo precisa estar de olho na evolução da dívida pública. Segundo o assessor de Ciro Gomes, Mauro Benevides Filho, nos últimos três anos, a economia que vem sendo feita pelo governo não foi suficiente para pagar os juros e muito menos para reduzir o montante, que atualmente representa algo em torno de 54,5% do PIB (R\$ 684,6 bilhões em abril).

Ele lembrou que, no ano passado, o país fez uma economia de R\$ 22,4 bilhões e teve que pagar em juros algo em torno de R\$ 71 bilhões. “O superávit é indispensável para dar tranqüilidade ao mercado, mas só isto não resolve. O governo precisa estar preocupado com o controle do estoque, prazo e juros da dívida pública”. Pedir empréstimo ao Fundo Monetário Internacional (FMI) para acalmar o mercado, segundo o assessor, só demonstra que o país não tem solidez em seus fundamentos.

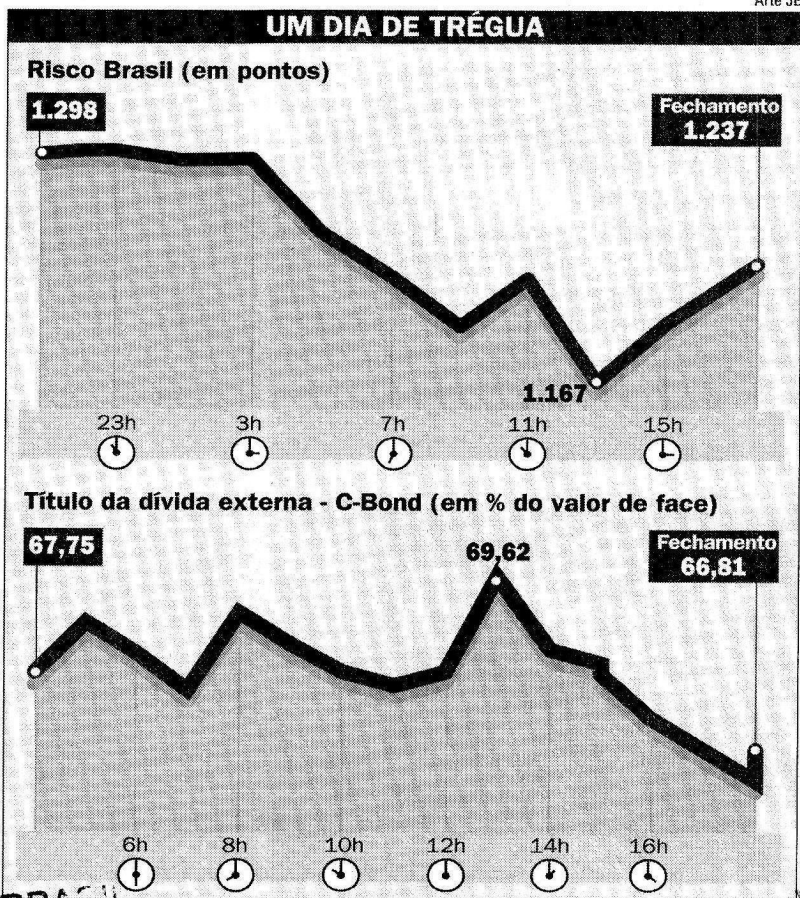
O assessor de Garotinho, Tito Ryff, disse que o atual governo

vem enfrentando uma crise de credibilidade tanto no mercado interno e no externo. Segundo ele, o candidato tucano à Presidência, José Serra, acaba contribuindo com isso ao insinuar que, se não vencer as eleições, o país pode vir a se tornar uma Argentina. Outro fator negativo é que tanto Malan quanto o presidente do Banco Central (BC), Armínio Fraga, lançam dúvidas ao mercado sobre as propostas dos candidatos. “O governo incendeia o processo. Ao invés de jogar água, joga lenha”, afirmou.

O professor de Economia Internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Reinaldo Gonçalves alerta que a dívida é uma bomba de efeito retardado. “Há o risco de estourar logo depois das eleições. Todo mundo sabe que hoje existe um desequilíbrio gigantesco no fluxo e no estoque a curto, médio e longo prazo”.

Os assessores do PSDB preferiram não comentar as medidas. O assessor econômico do PT, Guido Mantega, não retornou as ligações até o fechamento desta edição.

Arte JB



JORNAL DO BRASIL

14 JUN 2002

14 JUN 2002

14 JUN 2002